

NRE: Foz do Iguaçu	Município: Foz do Iguaçu/PR
Nome do Professor: Adalberto José Petry	e-mail: betopetry@brturbo.com.br
Escola: Col. Est. Euclides da Cunha	Fone: (45) 3262 2544 / 9127 8434
Disciplina: Língua Portuguesa/Literatura	Série: 3ª Série – Ensino Médio
Conteúdo Estruturante: LEITURA: Discurso Enquanto Prática Social	
Conteúdo Específico: Ampliação do Repertório de Leitura do Aluno	
Título: ECOS & REFLEXOS de Dom Casmurro	
Relação Interdisciplinar 1: Geografia/Artes	Colaborador 1:
Relação Interdisciplinar 2: História/Gramática	Colaborador 2:
Colaborador da Disciplina do autor:	

MUITO PRAZER, MACHADO DE ASSISI

Você lê Machado de Assis? Ler e ver Machado de Assis vale mais que tudo o mais. Escritor brasileiro dos mais expressivos, faz parte do cânone dos autores do nosso Realismo/Naturalismo. Assim, apresentamos a classe este maestro/mestre das palavras. Embora jamais tenha passado pelos bancos universitários, Machado mobilizou a crítica e levou o nome do Brasil do Império e da recente República para o estrangeiro. Desta forma, discutimos aqui e colocamos, numa espécie de apresentação (muito prazer!), M. de Assis frente a frente com o prezado estudante-leitor.

De origem humilde, ele era mulato e galgou os degraus da elevação social no Brasil, passando à elite das celebridades nacionais do seu tempo, sendo fundador e primeiro membro da Academia Brasileira de Letras. Sua produção principal (romances e contos), consta nos anais da história do Brasil entre os anos de 1880 a 1900. Gago e epiléptico, filho de um pintor mulato e de uma lavadeira, órfão desde a infância, foi criado por sua madrasta, Maria Inês, e com a sua hábil pena venceu na vida, atravessou os sertões do tempo, e por que não dizer que venceu a vida, tornando-se imortal em sua literatura? Ele foi autodidata por excelência, recebendo as primeiras letras numa escola pública e tendo aulas de latim e francês com um padre amigo, Silveira Sarmenho. Como o conseguiu? Ora, sendo exemplar leitor.

Lendo todos os autores ao seu alcance, iniciou aos dezoito anos sua carreira como poeta romântico, compondo seus primeiros versos para a revista Marmota. Época em que logo é admitido à redação do Correio Mercantil e trava conhecimento com poetas e expressivos escritores românticos.

Vamos conferir um achado deste tempo? Segue o poema:

QUANDO ELA FALA

*(She speaks!
O, speak again, bright angel!*
Shakespeare



Fotos de orquídea e Folhas de Sangue (poinsettia). No Jd. da casa de Adalberto José Petry –Fotógrafo: o próprio

Observar o tom “patriarcal familiar” dos tempos de *Dom Casmurro* na imagem



A família de Antonio Augusto Pinto. Pintura: Almeida Júnior, 1891. Fonte: Língua e Literatura, vol. 2, p. 265, 15ª Edição. Faraco e Moura, Ática, ano 1995.

Quando ela fala, parece
 Que a voz da brisa se cala;
 Talvez um anjo emudece

Quando ela fala. /
 Meu coração dolorido
 As suas mágoas exala.
 E volta ao gozo perdido

Quando ela fala. /
 Pudesse eu eternamente,
 Ao lado dela, escutá-la,
 Ouvir sua alma inocente

Quando ela fala. /
 Minh'alma, já semimorta,
 Conseguira ao céu alçá-la,
 Porque o céu abre uma porta

Quando ela fala. /

Machado de Assis



Machado de Assis.

Fonte: Língua e Literatura, vol. 2, p. 282.
 Faraco e Moura, Ática, 15ª Edição, ano
 1995.



Machado de Assis.

Fonte: Português, vol. único, p. 295. Maia,
 Ática, 10ª Edição, ano 2003.

ATIVIDADES APÓS LER (Recitar os versos, depois discutir e responder)

1. Neste poema, como aparece a mulher? Como ela é tratada? Explique e cite trechos.
2. Considerando o “endeusamento” da mulher neste poema de M. de Assis, podemos dizer que seus versos têm quais características? Por quê?
3. Anotar as passagens mais românticas dos versos de M. de Assis, e citar as devidas características românticas a que correspondem.
4. Na citação, como uma espécie de epígrafe do poema em estudo, M. de Assis recita Shakespeare. Quem foi este autor? Pesquise sua vida e comente rapidamente a sua obra no contexto mundial.

A seguir, vamos à prosa de M. de Assis. Notando que a nossa excursão pela sua produção apenas começou. O livro *DOM CASMURRO* foi escrito em 1900, oito anos antes da morte do autor. Este livro é muito comentado pela crítica.

Por que será? Por que será e que tipo de livro é este, que sua interpretação causa tanta polêmica? Será que o autor escrevia bem demais ou mal demais? Afinal, quais seriam as marcas deste famoso e precioso literato contundente, que mobiliza na atualidade ainda, todo o contingente crítico literário e autoridades do assunto nas academias e fora delas? Vamos ver em sua própria pena, em seus próprios escritos retirados de *Dom Casmurro* diretamente. Será ou não será de tirar o chapéu? Por que será? Na passagem que segue o narrador acabara de explicar o título, o porquê de "Dom" e de "Casmurro", sendo Dom pela autoridade de senhor do narrador, e pelo tom patriarcal da época, e Casmurro devido a ser um indivíduo amuado, ou seja, durão, emburrado. Vamos conferindo o que este nos diz de sua obra em questão e análise:

II - DO LIVRO

Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro. Antes disso, porém, digamos os motivos que me põem a pena na mão.

Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. Na principal destas, a pintura do teto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as tomam nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de *César*, *Augusto*, *Nero* e *Massinissa*¹, com os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para a casa de Matacavalos, já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas. O mais é também análogo e parecido. Tenho chacinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos-santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa.

Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeito, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma *História dos Subúrbios*, menos seca que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do *Fausto*: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras ... ?*

Fiquei tão alegre com esta idéia, que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo. Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas aquela nunca se me apagou do espírito. É o que vais entender, lendo. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p. 13).

1. *César*, *Augusto*, *Nero* e *Massinissa*: As figuras pintadas nas paredes da casa reproduzem personagens da história antiga; com exceção de Nero, todos viveram antes de Cristo. Júlio César (100-44 a.C.), ilustre general romano, conquistou a Gália, venceu Pompeu e governou como ditador, embora sem violência; vítima de uma conspiração, morreu apunhalado por um grupo do qual fazia parte seu filho adotivo, Brutus. Augusto (63 a.C. - 14 d.C.) iniciou a era dos imperadores romanos, realizando uma administração centralizadora sob a qual a civilização romana viveu um período de grande brilho cultural, conhecido como o "Século de Augusto". Nero (37-68 d.C.), imperador de Roma entre 54 e 68 d.C., promoveu inúmeros assassinatos, entre os quais os de sua mãe e de suas duas mulheres; atribui-se a ele o incêndio de Roma, cuja culpa ele lançou sobre os cristãos, servindo-se disto para executá-los aos milhares - acuado pelo Senado, suicidou-se. Massinissa (238-148 a.C.), rei da

Numídia, abriu as rotas da África aos romanos; como sua esposa Sofonisba participasse de uma cerimônia triunfal em honra de uma vitória do romano Cipião, Massinissa mandou-lhe como presente uma taça de veneno. Observe-se como aparece, na vida dessas personagens, o tema da traição. (NE.)

ATIVIDADES IMEDIATAS (Ler uma vez em silêncio, que é de praxe; outra em voz alta).

1. Após ler o texto acima, notamos que ele se refere ao Rio de Janeiro e alguns locais da cidade. Sabendo a data, vamos parar um pouco para pesquisar na biblioteca alguns aspectos históricos do Brasil e do Rio de Janeiro do ano de 1900;
2. De que forma os negros recém tinham sido libertos? Que lugar da cidade do RJ eles foram neste tempo habitar? Que lugar é este na atualidade? No que isto repercute hoje?
3. Que tipo de sociedade era a da época e como era? Como a mulher era tratada, quais direitos nessa época patriarcal gozava como cidadã?
4. Cite os principais aspectos geográficos do Rio de Janeiro da época machadiana. Havia praia? Teatros? Que casas noturnas se destacavam? O que a cidade tinha nesse tempo? A noite do Rio de Janeiro de 1900 comportava que tipo de arte? O que dá para saber do período e do homem da época pesquisando seus principais pontos geográficos e suas atrações no período da República recém-proclamada?
5. Hoje existe a mesma cultura da época? Os tempos mudaram, o que há na noite carioca hoje e que jamais haveria naqueles outros tempos e que envolve a questão da segurança pública?
6. E a questão de *Dom Casmurro* ainda estar viva (a obra), em tão diferentes contextos históricos e geográficos. O que faz desta obra uma produção literária que sobrevive ao tempo, ou seja, atemporal?
7. Sobre a questão da leitura, em que dá para dizer que Machado de Assis, lendo a sua obra, é um grande exemplo para todos hoje? Seria isto a causa de seu triunfo, mesmo apesar de sua pouca escolaridade? Opine um parágrafo de sete a dez linhas sobre M. de Assis e seus exemplos de bom leitor como fatores prováveis de seu triunfo na vida.
8. E você? O que você acha e pode dizer a respeito da leitura e o êxito dos cidadãos na vida social hoje? Comente em sete a dez linhas sobre: LEITURA e suas relações prováveis para o TRIUNFO NA ESCOLA E NA VIDA fora dela.

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou a língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem boa memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes, e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas idéias finas me acodem então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares, e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p. 89).

ATIVIDADES BREVES (Ler e entender; e assim mais se entender)

1. Numa análise da linguagem do capítulo acima, LIX, e nos dizeres do narrador, a que tipo de livro o escritor a fazer se propõe? Por quê? O que esses livros omissos contém? Como se comporta o escritor para prender o leitor, ou para desafiá-lo? Quais seriam seus recursos?
2. A técnica da linguagem de alguém a discorrer sobre a sua linguagem ou fazer literário chama-se metalinguagem. No que isto diz respeito a M. de Assis no capítulo lido? No dizer do escritor, ele está usando a metalinguagem ou não? Como se pode explicar isso? Ela fala da sua arte de sua produção?

IV – UM DEVER AMARÍSSIMO!

José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às idéias; não as havendo, servir a prolongar as frases. Levantou-se para ir buscar o gamão, que estava no interior da casa. Cossi-me muito à parede, e vi-o passar com as suas calças brancas engomadas, *presilhas*, *rodaque* e *gravata de mola*¹. Foi dos últimos que usaram *presilhas* no Rio de Janeiro, e talvez neste mundo. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um aro de aço por dentro, imobilizava-lhe o pescoço; era então moda. O *rodaque* de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia. Era magro, chupado, com um princípio de calva; teria os seus cinquenta e cinco anos. Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não aquele vagar arrastado dos preguiçosos, mas um vagar calculado e deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão. Um dever amaríssimo! (MACHADO DE ASSIS, 1900, p. 17).

1. *Presilhas, rodaque e gravata de mola*: *Presilhas* são cordões próprios para prender, apertar e esticar (no caso, as calças); *rodaque*, uma espécie de colete; *gravata de mola*, a que tem por dentro, como diz o texto, "um aro de aço". O "agregado" José Dias representa bem um tipo da sociedade brasileira escravocrata do século XIX: o "homem livre", sem posses, que vive à sombra da camada proprietária, através de relações de favor. (N.E.)

CXLIII – O ÚLTIMO SUPERLATIVO

Não foi o último superlativo de José Dias. Outros teve que não vale a pena escrever aqui, até que veio o último, o melhor deles, o mais doce, o que lhe fez da morte um pedaço de vida. Já então morava comigo; posto que minha mãe lhe deixasse uma pequena lembrança, veio dizer-me que, com legado ou sem ele, não se separaria de mim. Talvez a esperança dele fosse enterrar-me. Correspondia-se com Capitu, a quem pedia que lhe mandasse o retrato de Ezequiel; mas Capitu ia adiando a remessa de correio a correio, até que ele não pediu mais nada, a não ser o coração do jovem estudante, pediu-lhe

também que não deixasse de falar a Ezequiel no velho amigo do pai e do avô, "destinado pelo céu a amar o mesmo sangue". Era assim que ele preparava os cuidados da terceira geração; mas a morte veio antes de Ezequiel. A doença foi rápida. Mandeí chamar um médico homeopata.

- Não, Bentinho, disse ele; basta um alopata; em todas as escolas se morre. Demais, foram idéias da mocidade, que o tempo levou; converto-me à fé de meus pais. A *alopatia*^a é o catolicismo da medicina ...

Morreu sereno, após uma agonia curta. Pouco antes ouviu que o céu estava lindo, e pediu que abrissemos a janela. -

Não, o ar pode fazer-lhe mal.

- Que mal? Ar é vida.

Abrimos a janela. Realmente, estava um céu azul e claro. José Dias soergueu-se e olhou para fora; após alguns instantes, deixou cair a cabeça, murmurando: Lindíssimo! Foi a última palavra que proferiu neste mundo. Pobre José Dias! Por que hei de negar que chorei por ele? (MACHADO DE ASSIS, 1900, p. 178).

a. Alopátia: Sistema corrente de medicina que combate as doenças por meios contrários à natureza destas, ao contrário da homeopatia, cujo princípio básico consiste em curar o mal lançando mão de meios homólogos a ele, que estimulam as defesas naturais do corpo. A opção entre a medicina oficial (alopática) e a medicina homeopática toma às vezes a característica de uma escolha entre times de futebol, entre partidos políticos ou doutrinas religiosas. É assim, pois, que José Dias apresenta sua opção homeopática como uma fé da mocidade, e a seguir, em termos médicos, converte-se ao catolicismo através da alopátia. (N.E.)

ATIVIDADES PARA DISCUTIR GRAMÁTICA (Vendo bem a prática!)

1. Os superlativos, no texto, são expressões da preferência do agregado José Dias. Pesquisar, analisar e compreender a sua estrutura e composição é estudar a gramática. Retire e observe os superlativos dos textos acima, pela boca de José Dias. Quais são eles e como são compostos? Derivam de quais palavras? Explique.
2. Pesquise na sua gramática ou livro texto o que são superlativos, e dê outros exemplos.
3. Em seguida, comente. Hoje também se usam muitos superlativos? Em que ocasiões seria apropriado usá-los? Em quais você prefere empregá-los? E o seu professor?
4. Pode-se dizer que José Dias tinha uma prática avançada ou atrasada (para os seus dias – anos de 1880 a 1900) ao usar e preferir sempre superlativos?
5. O que o uso constante de superlativos revela do estado de alma de José Dias? Como ele pode ser visto empregando tantos “íssimos” nos adjetivos? Pessoa alegre? Animada? Por quê?
6. Elabore um texto com um emprego e uso considerável de superlativos, identifique-os e classificando-os de acordo com os tipos estudados na pesquisa gramatical.

CXIII – EMBARGOS DE TERCEIROS^a

Por falar nisto, é natural que me perguntes se, sendo antes tão cioso dela, não continuei a sê-lo apesar do filho e dos anos. Sim, senhor, continuei. Continuei, a tal ponto que o menor gesto me afligia, a mais ínfima palavra, uma insistência qualquer; muita vez só a indiferença bastava. Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança. É certo que Capitu gostava de ser vista, e o meio mais próprio a tal fim (disse-me uma senhora, um dia) é ver também, e não há ver sem mostrar que se vê.

A senhora que me disse isto cuidou que gostou de mim, e foi naturalmente por não achar da minha parte correspondência aos seus afetos que me explicou daquela maneira os seus olhos teimosos. Outros olhos me procuravam também, não muitos, e não digo nada sobre eles, tendo aliás confessado a princípio as minhas aventuras vindouras, mas eram ainda vindouras. Naquele tempo, por mais mulheres bonitas que achasse, nenhuma receberia a mínima parte do amor que tinha a Capitu. À minha própria mãe não queria mais que metade. Capitu era tudo e mais que tudo; não vivia nem trabalhava que não fosse pensando nela. Ao teatro íamos juntos; só me lembra que fosse duas vezes sem ela, um benefício de ator, e uma estréia de ópera, a que ela não foi por ter adoecido, mas quis por força que eu fosse. Era tarde para mandar o camarote a Escobar; saí, mas voltei no fim do primeiro ato. Encontrei Escobar à porta do corredor.

- Vinha falar-te, disse-me ele.

Expliquei-lhe que tinha saído para o teatro, donde voltara receoso de Capitu, que ficara doente.

- Doente de quê? perguntou Escobar.

- Queixava-se da cabeça e do estômago.

- Então, vou-me embora. Vinha para aquele negócio dos embargos ...

Eram uns embargos de terceiro; ocorrera um incidente importante, e, tendo ele jantado na cidade, não quis ir para casa sem dizer-me o que era, mas já agora falaria depois ...

- Não, falemos já, sobe; ela pode estar melhor. Se estiver pior, desces.

Capitu estava melhor e até boa. Confessou-me que apenas tivera uma dor de cabeça de nada, mas agravara o padecimento para que eu fosse divertir-me. Não falava alegre, o que me fez desconfiar que mentia, para me não meter medo, mas jurou que era a verdade pura. Escobar sorriu e disse:

- A cunhadinha está tão doente como você ou eu. Vamos aos embargos. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p. 150).

a. *Embargos de terceiro*: Expressão jurídica - obstáculos com que se procura impedir, por meio judicial, o cumprimento de uma sentença ou despacho. No texto, a expressão alude também, ambigüamente, à presença de Escobar como um *terceiro*, formando o triângulo amoroso do adultério. (N. E.)

ATIVIDADES DE INTERPRETAÇÃO (Para ler mais e entender a lição).

1. No texto, que deve ter sido lido e relido, em silêncio e em viva voz, o narrador, Bento Santiago, passa por um momento em que quase dá um flagra em sua mulher, Capitu, com o amigo Escobar, ao retornar da ópera mais cedo. Certo ou errado? Em que ele se fundamenta? Qual seria o significado oculto de "Terceiros"?
2. A traição está evidente neste capítulo, ou seriam os ciúmes do narrador, numa época em que as mulheres eram muito reprimidas e sem permissividade, numa sociedade patriarcal? Explique e dê a sua opinião. Você acha que chegar em casa e encontrar lá o melhor amigo saindo ou chegando, seria uma evidência de traição da esposa ou companheira?
3. Naquele tempo, Bentinho à noite ia ao teatro, à ópera, e na volta surpreendia o amigo em visita a sua mulher, Capitu. Fosse nos dias atuais, considerando o que oferece a vida noturna de hoje no RJ, de onde ele poderia estar regressando? Comente.
4. Comparando Capitu, há 107 anos atrás, e as mulheres nos dias atuais, há algum exagero no comportamento desta que denote ser a mesma uma adúltera na sua época? O marido Bentinho estaria certo em desconfiar tanto? Ou melhor seria nem pensar no assunto, sem outros fatos mais evidentes

comprovações de traição? Fosse você Bento Santiago, o que pensaria sobre isso?

5. Nos dias de hoje, existem casos semelhantes ao de Bento e Capitu, em que o marido, por ser excessivamente ciumento, suspeita que a esposa seja adúltera? Narre um caso que você conheça ou ouviu no seu bairro, na sua vizinhança, na cidade, ou leu numa notícia nas páginas dos jornais.

ATIVIDADE TEATRAL (SUGESTIONAR PARA AGITAR)

a) Organize com a classe uma encenação do julgamento de Capitu. Considerando que Bento Santiago é um advogado, a obra apresenta-se como um julgamento em que Capitu é a Ré e Bentinho o advogado de acusação. O leitor, e os demais alunos da sala por, sua vez, é o corpo de jurados. Capitu, culpada ou inocente? Traiu ou não traiu? Qual a sua pena pelo “crime” cometido? Elabore as cenas e bom trabalho. Todos têm que discutir e se expressar e participar: advogado de acusação, de defesa, testemunhas, promotor e jurados que irão votar no final.

CXXXV - OTELO ^a

Jantei fora. De noite fui ao teatro. Representava-se justamente *Otelo*, que eu não vira nem lera nunca; sabia apenas o assunto, e estimei a coincidência. Via as grandes raivas do mouro, por causa de um lenço, - um simples lenço! - e aqui dou matéria à meditação dos psicólogos deste e de outros continentes, pois não me pude furtar à observação de que um lenço bastou a acender os ciúmes de Otelo e compor a mais sublime tragédia deste mundo. Os lenços perderam-se, hoje são precisos os próprios lençóis; alguma vez nem lençóis há, e valem só as camisas. Tais eram as idéias que me iam passando pela cabeça, vagas e turvas, à medida que o mouro rolava convulso, e lago destilava a sua calúnia. Nos intervalos não me levantava da cadeira; não queria expor-me a encontrar algum conhecido. As senhoras ficavam quase todas nos camarotes, enquanto os homens iam fumar. Então eu perguntava a mim mesmo se alguma daquelas não teria amado alguém que jazesse agora no cemitério, e vinham outras incoerências, até que o pano subia e continuava a peça. O último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu devia morrer. Ouvi as súplicas de Desdêmona, as suas palavras amorosas e puras, e a fúria do mouro, e a morte que este lhe deu entre aplausos frenéticos do público.

- E era inocente, vinha eu dizendo rua abaixo; - que faria o público, se ela deveras fosse culpada, tão culpada como Capitu? E que morte lhe daria o mouro? Um travesseiro não bastaria; era preciso sangue e fogo, um fogo intenso e vasto, que a consumisse de todo, e a reduzisse a pó, e o pó seria lançado ao vento, como eterna extinção ...

Vaguei pelas ruas o resto da noite. Ceei, é verdade, um quase nada, mas o bastante para ir até à manhã. Vi as últimas horas da noite e as primeiras do dia, vi os derradeiros passeadores e os primeiros varredores, as primeiras carroças, os primeiros ruídos, os primeiros albores, um dia que vinha depois do outro e me veria ir para nunca mais voltar. As ruas que eu andava como que me fugiam por si mesmas. Não tornaria a contemplar o mar da Glória, nem a serra dos Órgãos, nem a fortaleza de Santa Cruz e as outras. A gente que passava não era tanta, como nos dias comuns da semana, mas era já numerosa e ia a algum trabalho, que repetiria depois; eu é que não repetiria mais nada.

Cheguei a casa, abri a porta devagarinho, subi pé ante pé, e meti-me no gabinete; iam dar seis horas. Tirei o veneno do bolso, fiquei em mangas de camisa, e escrevi ainda uma carta, a última, dirigida a Capitu. Nenhuma das outras era para ela; senti necessidade de lhe dizer uma palavra em que lhe ficasse o remorso da minha morte. Escrevi dois textos. O primeiro queimei-o por ser longo e difuso. O segundo continha só o necessário, claro e breve. Não lhe lembrava o nosso passado, nem as lutas havidas, nem alegria alguma; falava-lhe só de Escobar e da necessidade de morrer. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p. 170).

^a. *Otelo*: Desencadeia-se o paralelo, já sugerido anteriormente, entre a intriga de *Dom Casmurro* e a peça de Shakespeare. (N. E.)

ATIVIDADES INTERTEXTUAIS (ler, ver, reler e analisar).

1. Neste capítulo da obra *Dom Casmurro* há referência à peça *Otelo*. O que o narrador afirma sobre *Otelo*?
2. Quem escreveu *Otelo*? Qual seria o enredo dessa peça? Você já leu? Leia, pesquise e traga informações sobre *Otelo* para debater com a classe.
3. Qual a semelhança e relações entre a obra *Dom Casmurro* e a peça *Otelo*, na temática?
4. Em que se baseia Otelo para matar?
5. Em que se baseia Bentinho para desejar matar ou morrer?

ATIVIDADE COMPLEMENTAR:

Para aguçar a curiosidade a respeito da obra de Shakespeare indica-se o filme “Shakespeare Apaixonado”, em que ocorre intertextualidade com a produção literária deste autor. Para incentivar o gosto pela obra *Dom Casmurro*, indica-se o filme “DOM”. Nele se pode ver o enredo de Dom Casmurro transposto para a atualidade. Sobre o conteúdo da intertextualidade, o que é, para que serve, de que forma o leitor pode dialogar com uma ou mais obras, quando isto é possível?

LXII – UMA PONTA DE IAGO ^a

A pergunta era imprudente, na ocasião em que eu cuidava de transferir o embarque. Equivalia a confessar que o motivo principal ou único da minha repulsa ao seminário era Capitu, e fazer crer improvável a viagem. Compreendi isto depois que falei; quis emendar-me, mas nem soube como, nem ele me deu tempo.

- Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela ...

Estou que empalideci; pelo menos, senti correr um frio pelo corpo todo. A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo. Há alguma exageração nisto; mas o discurso humano é assim mesmo, um composto de partes excessivas e partes diminutas, que se compensam, ajustando-se. Por outro lado, se entendermos que a audiência aqui não é das orelhas, senão da memória, chegaremos à exata verdade. A minha memória ouviu ainda agora as pancadas do coração naquele instante. Não esqueças que era a emoção do primeiro amor. Estive quase a perguntar a José Dias que me explicasse a alegria de Capitu, o que é que ela fazia, se vivia rindo, cantando ou pulando, mas retive-me a tempo, e depois outra idéia ...

Outra idéia, não, - um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias: "Algum peralta da vizinhança". Em verdade, nunca pensara em tal desastre. Vivía tão nela, dela e para ela, que a intervenção de um peralta era como uma noção sem realidade; nunca me acudiu que havia peraltas na vizinhança, vária idade e feitio, grandes passeadores das tardes. Agora lembrava-me que alguns olhavam para Capitu, - e tão senhor me sentia dela que era como se olhassem para mim, um simples dever de admiração e de inveja. Separados um do outro pelo espaço e pelo destino, o mal parecia-me agora, não só possível, mas certo. E a alegria de Capitu confirmava a suspeita; se ela vivia alegre é que já namorava a outro, acompanhá-lo-ia com os olhos na rua, falar-lhe-ia à janela, às ave-marias, trocariam flores e ...

E ... quê? Sabes o que é que trocariam mais; se o não achas por ti mesmo, escusado é ler o resto do capítulo e do livro, não acharás mais nada, ainda que eu o diga com todas as letras da etimologia. Mas se o achaste, compreenderás que eu, depois de estremecer, tivesse um ímpeto de atirar-me pelo portão fora, descer o resto da ladeira, correr, chegar a casa do Pádua, agarrar Capitu e intimar-lhe que me confessasse quantos, quantos, quantos já lhe dera o peralta da vizinhança. Não fiz nada. Os mesmos sonhos que ora conto não tiveram, naqueles três ou quatro minutos, esta lógica de movimentos e pensamentos. Eram soltos, emendados e mal emendados, com o desenho truncado e torto, uma confusão, um turbilhão, que me cegava e ensurdecia. Quando tornei a mim, José Dias concluía uma frase, cujo princípio não ouvi, e o mesmo fim era vago: conta que dará de si". Que conta e quem? Cuidei naturalmente que falava ainda de Capitu, e quis perguntar-lho, mas a vontade morreu ao nascer, como tantas outras gerações delas. Limitei-me a inquirir do agregado quando é que iria a casa

ver minha mãe.

- Estou com saudades de mamãe. Posso ir já esta semana?

- Vai sábado.

- Sábado? Ah! sim! sim! Peça a mamãe que me mande buscar sábado! Sábado! Este sábado, não? Que me mande buscar, sem falta. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p. 93).

a. *Iago* – Personagem de *Otelo*, drama de Shakespeare, escrito em 1604. Traidor astucioso, Iago espicaça o ciúme de Otelo, general mouro, levando-o a assassinar sua esposa Desdêmona, bela e virtuosa. No capítulo, José Dias aparece com uma "ponta de Iago"; Bentinho, de *Otelo*; e Capitu... (N.E.)

ATIVIDADES PARA DISCUTIR (Debate aberto, para uma visão + aberta).

1. Iago é o personagem que em *Otelo* incita o mouro a sentir ciúmes, suspeitar da mulher e chegar ao ponto de matá-la com o punhal. Já em *Dom Casmurro*, quem é que faz ele chegar às suspeitas e à desconfiança incontrolável, ao ponto de querer morrer?
2. Pelo que dá para entender lendo a obra, os ciúmes de Bentinho se justificam? Explique.
3. Pelo que se vê, Capitu é mesmo traidora ou seriam apenas ciúmes e suspeitas de Bento, um sujeito fraco, inseguro e apaixonado ao extremo?
4. Nos dias atuais pode ou não haver alguém como Iago? Que instiga os outros a julgarem errado pessoas próximas, acreditarem em calúnias e cometerem loucuras? Pessoas assim, como Iago, quando existem interferem somente nas relações entre marido e mulher? Comente.

CVI – DEZ LIBRAS ESTERLINAS

Já disse que era poupada, ou fica dito agora, e não só de dinheiro mas também de coisas usadas, dessas que se guardam por tradição, por lembrança ou por saudade. Uns sapatos, por exemplo, uns sapatinhos rasos de fitas pretas que se cruzavam no peito do pé e princípio da perna, os últimos que usei antes de calçar botinas, trouxe-os para casa, e tirava-os de longe em longe da gaveta da cômoda, com outras velharias, dizendo-me que eram pedaços de criança. Minha mãe, que tinha o mesmo gênio, gostava de ouvir falar e fazer assim.

Quanto às puras economias de dinheiro, direi um caso, e basta. Foi justamente por ocasião de uma lição de astronomia, à praia da Glória. Sabes que alguma vez a fiz cochilar um pouco. Uma noite perdeu-se em fitar o mar, com tal força e concentração, que me deu ciúmes.

- Você não me ouve, Capitu.

- Eu? Ouço perfeitamente.

- O que é que eu dizia!

- Você ... você falava de Sírius .

...:- Qual, Sírius, Capitu. Há vinte minutos que eu falei de Sírius. - Falava de ... falava de Marte, emendou ela apressada.

Realmente, era de Marte, mas é claro que só apanhara o som da palavra, não o sentido. Fiquei sério, e o ímpeto que me deu foi deixar a sala; Capitu, ao percebê-lo, fez-se a mais mimosa das criaturas, pegou-me na mão, confessou-me que estivera contando, isto é, somando uns dinheiros para descobrir certa parcela que não achava. Tratava-se de uma conversão de papel em ouro. A princípio supus que era um recurso para desfadarmos-me, mas daí a pouco estava eu mesmo calculando também, já então com papel e lápis, sobre o joelho, e dava a diferença que ela buscava.

- Mas que libras são essas? perguntei-lhe no fim.

Capitu fitou-me rindo, e replicou que a culpa de romper o segredo era minha. Ergueu-se, foi ao quarto e voltou com dez libras esterlinas, na mão; eram as sobras do dinheiro que eu lhe dava mensalmente para as despesas.

- Tudo isto?

- Não é muito, dez libras só; é o que a avarenta de sua mulher pôde arranjar, em alguns meses, concluiu fazendo tinir o ouro na mão.
- Quem foi o corretor?
- O seu amigo Escobar.
- Como é que ele não me disse nada?
- Foi hoje mesmo.
- Ele esteve cá?
- Pouco antes de você chegar; eu não disse para que você não desconfiasse.

Tive vontade de gastar o dobro do ouro em algum presente comemorativo, mas Capitu deteve-me. Ao contrário, consultou-me sobre o que havíamos de fazer daquelas libras.

- São suas, respondi.
- São nossas, emendou.
- Pois você guarde-as.

No dia seguinte, fui ter com Escobar ao armazém, e ri-me do segredo de ambos. Escobar sorriu e disse-me que estava para ir ao meu escritório contar-me tudo. A cunhadinha (continuava a dar este nome a Capitu) tinha lhe falado naquilo por ocasião da nossa última visita a Andaraí, e disse-lhe a razão do segredo.

- Quando contei isto à Sanchinha, concluiu ele, ficou espantada: "Como é que Capitu pode economizar, agora que tudo está tão caro?" - "Não sei, filha; sei que arranjou dez libras".
- Vê se ela aprende também.
- Não creio; Sanchinha não é gastadeira, mas também não é poupada; o que lhe dou chega, mas só chega.

Eu, depois de alguns instantes de reflexão: - Capitu é um anjo!

Escobar concordou de cabeça, mas sem entusiasmo, como quem sentia não poder dizer o mesmo da mulher. Assim pensarias tu também, tão certo é que as virtudes das pessoas próximas nos dão tal ou qual vaidade, orgulho ou consolação. (MACHADO DE ASSIS, 1900, p. 141).

ATIVIDADES DE LEITURA (Para melhor saber da literatura)

1. Neste capítulo das libras esterlinas, fica evidente uma coisa em relação a Escobar e Capitu. O que é? Comente?
2. Você, como leitor, como vê a relação de cumplicidade entre Escobar e Capitu neste capítulo? Dá para suspeitar de ambos?
3. Escobar faz o papel de corretor de dez libras esterlinas a Capitu. O fato de ocultar isto de Bentinho seria um motivo justo de suspeita de traição? Como você se comportaria num caso semelhante?
4. Bentinho, diante das suspeitas de traição da mulher com o amigo Escobar, porta-se de forma correta? Comete exageros? Fosse você, o que faria?

CXXIII – OLHOS DE RESSACA

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas ...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a tinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã (MACHADO DE ASSIS, 1900, p. 160).

ATIVIDADES FINAIS (Para finalizar e deixar sem terminar)

1. Bentinho surpreende a mulher encarando, com olhos de ressaca, o amigo Escobar defunto no caixão, morto afogado. Teria sentido o ciúme ali demonstrado por Bentinho, em vez de chorar a perda do amigo, numa ocasião tão séria? Não seria um abuso de sua parte e desconsideração para com o morto? Leia o capítulo e comente.
2. Na ocasião do velório, se Capitu amasse mesmo Escobar, por que será que conteve as lágrimas? Fica claro que não esconderia suas lágrimas caso não tivesse um caso com o amigo falecido? O que você acha?
3. Quem leu a história sabe que a semelhança entre o filho de Bentinho e Capitu, Ezequiel, e seu amigo, Escobar, colabora para que o personagem desconfie mais ainda de sua esposa. Esta semelhança seria verdade ou poderia ser resultado do ciúme, sentimento que costuma turvar a visão humana? Fosse hoje, com o uso da medicina e da ciência, como poderia se resolver a paranóia de *Dom Casmurro*? Pense, reflita e explique.
4. Por último, para tentar descobrir se Capitu traiu mesmo ou não, retirar *Dom Casmurro* da biblioteca, ler e contar aos colegas da classe, discutindo em mesa redonda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Casemiro, etc. e tal. ***A descoberta do amor em versos***. FNDE/PNBE -1ª Ed. Companhia Editora Nacional. SP/Brasil, 2003;

ASSIS, Machado de. ***Dom Casmurro***. Romance brasileiro, ed. da Fundação Nestlé de Cultura. Editora Ática. São Paulo / 1999;

BOSI, Alfredo. ***História Concisa da literatura Brasileira***. 3ª Edição. Editora Cultrix LTDA. São Paulo, 1985;

CÂNDIDO, Antonio. ***Vários Escritos (Machado de Assis)***. Livraria Duas Cidades. São Paulo, 1978;

“DOM” (2003, Brasil, roteiro e direção de Moacyr Góes). Filme do gênero drama baseado na obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. ***Currículo Básico para a Escola Pública do Paraná***. Curitiba: SEED, 1990;

REGO, Enylton de Sá. ***O Calundu e a Panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica***. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989;

“SHAKESPEARE APAIXONADO” (1998, EUA/Reino Unido, direção: John Malden). Filme comédia amorosa que aborda Romeu e Julieta e a obra de Shakespeare;

SILVA, Ezequiel Theodoro da. ***A Produção da Leitura Na Escola***. Pesquisas e Propostas. 2 ed. Editora Ática 2005;

SOUZA, Wagner. As faces de Capitu. In: ***Anais do II Seminário de Literatura e História: o cânone como intertexto da narrativa contemporânea***. Cascavel: EDUNIOESTE, 2004.

PARECER DO MATERIAL DIDÁTICO - PROFESSOR ORIENTADOR - 2008

1. IDENTIFICAÇÃO

- a) IES: UNIOESTE
- b) Nome do Professor Orientador: Clarice Braatz Schmidt Neukirchen
- c) Nome do Professor PDE: Adalberto José Petry
- d) Área/Disciplina: Língua Portuguesa/Literatura
- f) Título do Material Didático: ECOS & REFLEXOS de Dom Casmurro
- g) Caracterização do Material Didático: (X) FOLHAS () OAC () Outros (especifique):

2. INDICADORES PARA APRECIÇÃO QUALITATIVA

Parecer descritivo realizado pelo Professor Orientador com a observância dos elementos qualitativos abaixo indicados:

- 2.1. Pertinência do material didático em relação à Educação Básica, à área de atuação do Professor PDE e ao objeto de estudo proposto no Plano de Trabalho.
- 2.2. Viabilidade de implementação do material didático, tendo em vista a execução das atividades propostas, os meios para sua operacionalização, os recursos necessários para sua produção/elaboração e o período de execução propostos.
- 2.3. Abrangência didático-pedagógica pertinente ao público-alvo.

3. PARECER CONCLUSIVO:

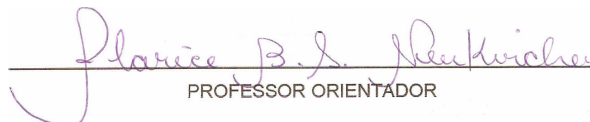
O professor POE Adalberto José Petry desenvolveu seu material didático focalizando a obra *Dom Casmurro* e atendo-se à elaboração de uma proposta que visualize a leitura como prática social. O autor escolhido, Machado de Assis, é de grande importância no panorama da literatura nacional, sendo um dos maiores nomes da Literatura Brasileira, apresentando textos de leitura acessível e que incorporam diversos elementos estimuladores da reflexão a respeito da cultura e estrutura da sociedade brasileira.

O material didático (Folhas) desenvolvido relaciona-se com a área/disciplina de ingresso no POE, sendo pertinente à série a que foi direcionada, isto é, terceiro ano do Ensino Médio, tendo como princípio norteador a ampliação do repertório de leitura do aluno. A proposta é viável, uma vez que não requer meios de implementação de que a escola não disponha, além de privilegiar uma obra literária de domínio público, o que facilita o acesso dos alunos à obra. O material didático relaciona-se a outras áreas de conhecimento, podendo dar espaço para o desenvolvimento de conteúdos relacionados à Geografia, História e Artes, além de abordar temas relativos à condição humana, propiciando a reflexão acerca de assuntos ainda atuais, como a condição da mulher, o ciúme, etc. Neste âmbito, é possibilitado ao aluno entrever como determinado assunto era tratado no passado, isto é, no século XIX, quando a obra foi produzida, observando as semelhanças e divergências com a abordagem atual.

Assim sendo, considera-se muito bom o desempenho do professor PDE Adalberto José Petry.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 05 de fevereiro de 2008.

Universidade / Local


 PROFESSOR ORIENTADOR